



Donald Trump pede ao Congresso reforço de verbas para seu Departamento de Guerra, com o maior aumento anual desde a 2ª Guerra. Irã abate um caça americano e atinge avião que escoltava missão de resgate aos tripulantes

# Um trilhão e meio para a guerra

Das depois de anunciar solenemente ao país que estão “quase completamente cumpridos” os objetivos da guerra contra o Irã, em pronunciamento pela TV em horário nobre, o presidente Donald Trump enviou ontem ao Congresso um projeto de orçamento que prevê US\$ 1,5 trilhão para o Departamento de Guerra — a pasta antes chamada de Defesa, rebatizada neste ano pelo presidente dos Estados Unidos. A dotação representa um aumento de quase 50% em comparação com a do ano anterior e confirma o país, com folga, como o que sustenta o maior volume anual de gastos militares.

A iniciativa coincidiu com a notícia de dois reveses de alta repercussão para os EUA no terreno de combate. Primeiro, a defesa aérea iraniana abateu um caça F-15E norte-americano, com dois tripulantes a bordo, durante missão de bombardeio na região centro-ocidental do país. Depois, um avião enviado para escoltar dois helicópteros na missão de resgatar o piloto e o acompanhante foi também atingido e teria caído no mar. Até o início da noite, o Comando Central dos EUA, responsável pelas operações no Oriente Médio, havia confirmado o resgate dos dois pilotos — o do caça e o do avião A-10 de resgate. O segundo tripulante do F-15E seguia desaparecido. A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, disse que o presidente tinha sido informado sobre os incidentes.

A necessidade de repor os estoques de armamentos e outros recursos empregados desde 28 de fevereiro no Oriente

Médio é o cerne da justificativa da Casa Branca para o pedido urgente enviado ao Legislativo. A imprensa norte-americana, que cita sessões informativas a portas fechadas no Congresso, revela que a guerra com o regime islâmico de Teerã poderia custar até US\$ 2 bilhões por dia. Uma vez aprovada, a dotação para 2027 representaria o maior aumento das despesas militares, de um ano para o seguinte, desde a 2ª Guerra Mundial. Na mensagem enviada ao Legislativo, Trump argumenta que, em tempo de guerra, o investimento em defesa tem prioridade, inclusive sobre programas sociais, que deveriam ser assumidos pelos estados.

## Resistências

Com um déficit fiscal próximo de US\$ 2 trilhões e uma dívida pública que se aproxima de US\$ 40 trilhões, a proposta orçamentária para o Pentágono enfrenta resistências até mesmo entre deputados e senadores do Partido Repu-

blicano (governista). Assim como os congressistas da oposição democrata, eles expressam preocupação com a magnitude do aumento proposto para os gastos militares, especialmente porque o governo apresentou poucos detalhes sobre a evolução do conflito com o Irã.

No pronunciamento que fez ao país na quarta-feira, o presidente apresentou um relato triunfalista. Deu por “dizimadas” as capacidades ofensivas do Irã e “aniquiladas” suas possibilidades de obter uma arma nuclear, “por muitos anos”. Trump anunciou que a campanha deve prosseguir “por mais duas ou três semanas” e



**Se capturarem o piloto ou os pilotos inimigos vivos, receberão uma valiosa recompensa e uma bonificação”**

**Anúncio da TV estatal iraniana**

AFP



Avião e helicópteros dos EUA no resgate dos pilotos do caça F-15E abatido: problemas inesperados com a defesa aérea do Irã

sugeriu que os EUA poderiam se retirar da região mesmo sem um acordo com Teerã, nem mesmo para a reabertura do Estreito de Ormuz, via estratégica para o fornecimento de petróleo aos mercados internacionais. Mas não deixou claro um planejamento concreto, nem as condições para dar a guerra por encerrada.

## Batalha aérea

Ainda pela manhã, o Irã anunciou ter abatido um caça norte-americano sobre a região do Huzistão, região de população árabe próxima ao litoral do Golfo Pérsico.

Inicialmente, o avião foi identificado pela Guarda Revolucionária, unidade militar de elite, como um F-35, aparelho de última geração tido como praticamente indetectável pelos radares — e, até o momento, considerado invicto em ação. Imagens divulgadas pelas mídias oficiais iranianas mostram a tela de um sistema de defesa capturando o caça e o atingindo. Fotos dos destroços, difundidas mais tarde, levaram especialistas a identificá-lo como um F-15E. No início da guerra, o Irã afirmou ter atingido um deles, e os EUA admitiram que o piloto teria pousado em uma base em território aliado.

Em meio a informações desencontradas sobre o destino dos tripulantes, o CentCom informou que estava em marcha uma operação de resgate, com um avião A-10 escoltando dois helicópteros e o desembarque de um esquadrão de elite em solo para as buscas. Do lado iraniano, a TV estatal confirmou a notícia e convocou os moradores da região a apoiarem as tropas na busca por algum tripulante norte-americano sobrevivente. “Se capturarem o piloto ou os pilotos inimigos vivos e os entregarem às forças policiais e militares, receberão uma valiosa recompensa e uma bonificação”, dizia o anúncio.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Um império contra uma civilização

Nos níveis subcutâneos do atual confronto entre Estados Unidos e Irã, o que se desenha é o choque direto entre duas entidades historicamente díspares. Do lado norte-americano, um país cuja construção, como Estado e nação, data de 500 anos. Do outro, uma civilização com ao menos cinco vezes mais tempo de existência. Os herdeiros do império persa têm ao seu favor não apenas cronologia e história. No confronto direto com uma sociedade que se vem formando há cinco séculos, os iranianos opõem ao menos 2.500 anos de janela, uma vantagem nada desprezível.

Os persas acumulam mais de duas dezenas de séculos praticando o jogo geopolítico. E, não menos importante, a arte diplomática. Confrontam uma potência global — ninguém, em sã consciência, contestaria a presente primazia norte-americana —, mas não parecem ignorar a dimensão do inimigo. É nesse tabuleiro que se desenha o conflito iniciado há pouco mais de um mês, com o ataque combinado dos EUA e de Israel, no último dia de fevereiro.

Estudiosos e observadores se debruçam há cinco semanas sobre os desdobramentos da ofensiva norte-americana e israelense contra o regime islâmico de

Teerã. De ambos os lados, encontram surpresas. Em relação aos EUA, apontam o que parece uma falta de informação acurada sobre onde atingir o inimigo com a eficácia instantânea de conflitos anteriores. Tomando como base as premissas e projeções do Pentágono, e os prazos alardeados pelo próprio presidente dos EUA, o regime islâmico deveria entrar abril em seus estertores. As opções estariam situadas entre a capitulação ou o aniquilamento puro e simples. Não é o que o noticiário sugere, até aqui.

## Nó tático

Entre os analistas da movimentação no campo de batalha, vai se formando quase um consenso de que, no terreno estritamente militar, o Irã conseguiu atrair um inimigo claramente mais poderoso, segundo um cálculo convencional, para um cenário de confronto em que suas desvantagens parecem compensadas pelas condições impostas. A nítida superioridade bélica dos EUA não chega a se impor, a despeito dos golpes que é capaz de infligir ao adversário: a guerra entra pela sexta semana sem indicadores claros de qualquer tipo de solução à vista.

Por trás do que possa ser atribuído aos comandos militares, de um e outro lado, o

que o primeiro mês de combates expõe é uma diferença clara na ordem do planejamento de guerra, de cada lado. Sob o comando de Donald Trump, os EUA apostaram até aqui na incontestável superioridade em termos de meios e recursos. A partir dela, traçaram um curso baseado na pronta incapacitação do adversário e na imposição pela força, pura e simples.

Do lado oposto, e a despeito das baixas sofridas nos mais altos escalões de comando político e militar, a República Islâmica desfila, passado mais de um mês de assalto militar diário, uma capacidade insuspeitada não apenas de sobreviver. O Irã causa dores ao aparato militar dos EUA e, mais sério, mina sua capacidade para proteger os aliados locais — as petromonarquias do Golfo Pérsico e, sobretudo, Israel.

## Jogo estratégico

Enquanto os observadores lutam para divisar quais podem ser os objetivos da Casa Branca na cena de combate, do lado oposto se perfila um adversário com ao menos cinco vezes mais história. Os EUA recém completaram 500 anos como processo de construção de uma identidade nacional, considerando a chegada à América dos pioneiros puritanos a bordo do

navio Mayflower. Quanto à Pérsia, pode ser traçada uma identidade e uma continuidade desde ao menos cinco séculos antes da era cristã.

Não bastasse, Washington manobra em um tabuleiro geopolítico no qual se confronta com outra potência com história milenar. A China, com cerca de 4 mil anos de janela, desfila na crise do Oriente Médio a proverbial paciência. Depende em boa parte de petróleo extraído no Golfo Pérsico, em especial no Irã. Apesar disso, escolheu na atual crise a costureira descrição diplomática. Manobra pelas beiradas, segundo a sabedoria mineira. Evita alinhamento em um conflito que envolve terceiros. Mas cuida dos próprios interesses.

Em parte como os estrategistas persas/iranianos, os chineses movimentam as peças em um terreno no qual a profundidade temporal é infinitamente maior que a contemplada por um país como os EUA, com dois séculos e meio de vida independente.

## Vai andar?

O desfecho do conflito no Oriente Médio diz respeito ao mundo inteiro, a médio e longo prazo. Mas tem implicação imediata para um contencioso que, embora tenha percorrido já mais de cinco décadas, parece de alcance regional. Antes mesmo de iniciar a ofensiva contra o Irã, Donald Trump decretou o

bloqueio naval em torno de Cuba, para impedir que cheguem à ilha carregamentos de petróleo. Sem potencial hidrelétrico e com incursões incipientes por outras variantes energéticas, o reduito comunista latino-americano tem um sistema baseado quase 100% em usinas termelétricas movidas a diesel.

Desde que dispôs seu poderio naval no Caribe, inicialmente contra o regime chavista da Venezuela, Trump vem anunciando repetidamente a determinação de depor o regime comunista de Havana. No marco de sua apreciação triunfalista do conflito com o Irã, chegou a dizer que Cuba seria “a próxima vítima”. Resta, como incógnita, saber se a fila vai andar.

O desfecho da guerra com o Irã será determinante, com algumas variantes possíveis. Caso assegure o triunfo, a Casa Branca poderá mover atenções e esforços para a vizinhança imediata. Se, ao contrário, se vir empurrado a encerrar a empreitada no Oriente Médio sem vitória clara a proclamar, o presidente pode ter no Caribe uma opção para mobilizar a base eleitoral em outra cruzada.

Do ponto de vista de Trump, o pior cenário talvez seja a persistência do impasse no Golfo Pérsico. No caso, pode se ver na posição incômoda de permitir o fornecimento de petróleo russo a Havana, como fez nos últimos dias, e adiar sem horizonte à vista o ajuste de contas com o inimigo mais emblemático na região que proclama como “o quintal” dos EUA.